

Correio das Artes

Ano 1 Número 23 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 28-8-1949



XILOGRAVURAS DE AGNES MILLER PARKER (À ESQUERDA) E C. F. TUNNICLIFFE, RESPECTIVAMENTE PARA OS LIVROS "THE OPEN AIR" E "WILD LIFE IN A SOUTHERN COUNTY" DE RICHARD JEFFERIES (EDIÇÕES DE SAMUEL J. LOOKER — "LUTTERWORTH PRESS" — LONDRES)

O CORRETOR DO CAIS DA LINGUETA

J. VEIGA JUNIOR

EMIGRANDO para o Rio há pouco menos de dez anos, em seguida à mudança que se operou na paisagem política do Estado, creio que Raul de Goes só aqui voltou por duas vezes.

Foi-me impossível ir-lhe ao encontro quando da sua última estada, tão fugaz quanto a primeira. Não esqueceu, porém, o jovem amigo ao amigo velho, transmitindo-me o priador abraço, sendo Celso Mariz, nosso conhecido comum, o solícito intermediário.

Aí está um paraibano honorário que mais preza a nação de Piragibe do que muito caboclo nascido e criado na taba. Quando ainda imberbe, esse "papa-girimú" de porte aristocrático meteu poucas mudas de roupa e alguns livros numa modesta mala e abalou, de rota-botida, para a terra de Epitácio, então murubixoba de quatro costados, na suntuosa maloca do Catete.

Há um conhecido rifão minhoto que vaticina: "Ao menino e ao borracho, põe-lhe Deus a mão por baixo".

Sem entender a pro-

fundeza do conceito, do qual, talvez, nem mesmo tivera ouvido falar, o menino viajor meteu os peitos em demanda à Paraíba, onde, certo, não encontraria Scylla ou Charybides a atravancar-lhe a marcha. O Deus do anáxim punha a mão sob o efebo audaz.

Raul de Goes veio encontrar isto aqui um céu aberto. O mesmo firmamento a pingar estrelas faiscantes que tanto seduziram os olhos maravilhados de Carlos Gomes, no seu rápido tran-

sito por Cabedelo, rumo ao Pará. Por sinal, numa improvisação feliz, convertendo singelo lapis em pincel e a pauta numa soberba tela, presenteou-nos o gabado-maestro com aquele pincel policromático que é a romança "Céu da Paraíba".

Mas, deixemos o Gomes e volvamos ao Goes ou antes, ao céu aberto que era o velho burgo paraibano, quando calaram as bocas de fogo da primeira grande guerra na longínqua Europa, faminta e talada. O al-

godado naquelas alturas. Grana que só folha, a entrar para as arcas do erário. Os magnatas da indústria e do comércio tirando o arrazado da quadra incerta e penosa do conflito: cândidos tubarõesinhos via-árviz aos despejados "tubarões" que surdiriam, 20 anos adiante, a fazer sombra ao mais voraz de todos os cetáceos, na opinião coluniosa de banhistas tímidos.

A náu do Estado (relesem-me o "clichê") impulsionada por Solon de Lucena, palinuro diligente e vigilante, boiava por mar tranquilo e docil.

Nobre benefitor da juventude, foi o prestigioso político serrano um dos raros homens de governo que amou o contacto das criaturas inteligentes. Mecenas generoso, estendeu a mão fidalga áquele rutilante pelotão de intelectuais em que formavam Eudes Barros, Perilo Doliveira, Silvino Olavo, Samuel Duarte, e outros. Sobrinho de Alencar e alguns outros.

O corpo da guarda juvenil e bizarra demonstrava ali na "Era Nova",

LAGRIMAS DE CERA

RAUL MACHADO

QUANDO ESTELLA MORREU CHORAVAM TANTO!
CHOVIA TANTO NESSA MADRUGADA!

— ERA O PRANTO DOS SEUS, CASADO AO PRANTO
DA NATUREZA, MÃE DESVENTURADA.

NINGUEM PODIA VÊR-LHE O ROSTO SANTO,
A FONTE NÍVEA, A PALPEBRA CERRADA,
QUE NÃO SENTISSE, LOGO, EM CADA CANTO
DOS OLHOS, UMA LÁGRIMA ENGASTADA!

AH!... NÃO CRÉDES, BEM SEI, PORQUE NÃO VISTES!
MAS QUANDO ELA MORREU, CHORAVA TUDO!
ATÉ DOIS CIRIÔS, LANGUIDOS E TRISTES,

ACENDIDOS À SUA CABECEIRA,
IAM CHORANDO, NO SEU PRANTO MUDO,
UM ROSÁRIO DE LAGRIMAS DE CERA!

comandada pela voz conciliadora e resoluta de Severino Lucena, com a coadjuvação do mar-vioso citarêdo Synésio Guimarães, este, precocemente "marcado" pelos máus bofes das musas.

Ao brioso contingente, veio, por derradeiro, incorporar-se Raul de Goes nomeado, por Solon, agente fiscal da Recebedoria de Rendas, a repartição mais cortejada no tempo. Explica-se: enquanto um operoso deputado metia na algibeira do fraque o honesto subsídio mensal de 600\$000, um contínuo da Recebedoria enfiava no no bolso da calça de cheviot a bagatela de 900\$000 a 1:000\$000, no fim de cada mês.

"Cousas da vida"! — como diria um tal Luiz Jatobá, desaparecido do mapa radiofônico a bem do humor nacional.

Alçar-se da banca de simples arrecadador de impostos para um bureau de Secretário de Estado não seria manobra difícil ao Raul de Goes. Conseguiu-o, anos depois.

Envolvente, prestimoso, hábil e sagaz, podia sumir-se a isto boa dose de força de vontade e agilidade intelectual, de que deu provas robustas como jornalista e escritor. Na Associação Paraiibana de Imprensa ou no Clube Astréia, centros sociais onde deixou traços fortes de sua presença; na Secretaria do Governo ou na Secretaria da Agricultura foi sempre o *gentleman* agradável na conversação e distinto nas maneiras. Serviu a muitos e ajudou a diversos. Rico ou pobreto, preto ou branco, curiboca ou rosálgar, a todos atendia com o mesmo amigo.

Lá pelo Rio, onde superintende, salvo engano, o Instituto Nacional do Sal, o antigo auxiliar do Governo Argemiro de Figueiredo não largou a pena. Atira-se resoluta

às competições da imprensa com o mesmo fulgor, com a mesma verve, com o mesmo desempenho com que esgrimiua na "A União", e no extinto "O Norte".

Socorrendo-se de uma folgasinha, esquivo sueto no ramerrão jornalístico, anda conseqüente fixar numa sugestiva brochura o esboço biográfico de HERMAN LUNDGREN que acabo de ler, graças ao exemplar que me foi reservado pelo autor.

Cogita-se bastante dos Lundgren por estas paragens nordestinas. Bem poucos, entanto, conhecem o primeiro deles, chegado ao Brasil pelos longes de 1855, "nos começos do Segundo Império, quando no Brasil todos os fatores de progresso eram ainda incipientes e rudimentares", na expressão do autorizado biográfico.

Com o seu estilo empolgante, Raul de Goes consegue uma cohorte de admiradores para aquele jovem imigrante sueco que, desembarcando na Corte, com o cérebro povoado de planos mirabolantes, punha a todos em prática, dentro dos cinquenta anos em que aqui lobutou, até ser colhido pela morte, em 1907.

A plaquette é bem ilustrativa para muita gente moça, vendendo saúde, mas sem espírito de iniciativa e que deixa escapar das mãos excelentes oportunidades de libertar-se do "pau de lastima".

Custa acreditar que um indivíduo estrangeiro, apenas conhecendo o vernáculo que trouxe da terra de origem, possa tornar-se um gigante da indústria têxtil, tal como Herman Lundgren.

E esse homem de capacidade de trabalho assombrosa e de visão comercial só comparável a de Francisco Matarazzo, iniciou a vida como apagado corretor de navios, no antigo Cais da Lingueta, em Recife...

MARIA DESCEU NO MAR

CLOVIS MOURA

OS CABELOS DE MARIA
CHEGARÃO AO FUNDO DO MAR?
OU FICARÃO NO CAMINHO
DESFEITOS EM PÓ E ESPUMA,
COMO AS LÁGRIMAS QUE CHORAM
OS OLHOS DAS VIRGENS LOUCAS?

OS CABELOS DA AFOGADA
NÃO BOIAM NA ÁGUA DO MAR:
PROCURAM FUNDAS ENTRANHAS
COMO UM CORAÇÃO PARTIDO
EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO.
DESFEITOS EM PÓ E ESPUMA
SE TRANSFORMAM OS FIOS NEGROS.
MARIA NÃO DIZ UM NOME
NOS LÁBIOS, A MORTE OS TRANCA
COM O TRINCO DE SETE CHAVES.
AS FONTES DE LODO, UM DIA,
COMERÃO SEUS TRISTES OLHOS.
MARIA ESTÁ CERCADA
DE PEIXES VERDES DO MAR.
OS CABELOS DA AFOGADA
JÁ TÊM O GOSTO DO MAR.

CHEGARÃO OS GRITOS FUNDOS
AOS OUVIDOS DE MARIA?
OU MORRERÃO COMO PEDRA,
CALCADOS PELO SILENCIO?

OS CABELOS DA AFOGADA
NÃO SOLTAM GRITOS, NÃO SOLTAM.
O SILENCIO DE MARIA
PARECE QUE NÃO SE QUEBRA:
ESTE SILENCIO PROFUNDO
CHEGARÁ AO FUNDO MAR?
OU FICARÁ COMO OS GRITOS
CALCADOS PELO SILENCIO.
AGONISANTES DE PEDRA
EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO?

OS CABELOS DE MARIA
CHEGARÃO AO FUNDO MAR?
OS CABELOS DE MARIA
NÃO GRITAM, CHORA O SILENCIO
NA SEPULTURA DAS ÁGUAS.

A LUA PROCURA OS PAIS
DE MARIA, A NAUFRAGADA.

98-3-47.



A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

"Na Espadana Branca"

O PIOR CEGO...

JÁ vai se tornando um lugar comum falar no CORREIO DAS ARTES. Desde que o nosso suplemento saiu à publicidade, os elogios choveram. De todos os lugares, recebemos recortes de crônicas parabenizando a realização desse empreendimento cultural e que veio atestar, de uma maneira positiva, que a Paraíba não está dormindo em matéria de arte.

Nomes representativos da cultura nacional vieram trazer o seu depoimento sincero, e seu entusiasmo espontâneo, as suas palavras despidas de qualquer interesse bajulatório, com relação ao aparecimento do CORREIO DAS ARTES. Um homem como Djalma Viana, inimigo número um do elogio fácil, da risadinha hipócrita, assinou uma crônica bastante longa a respeito dos MOLEQUES de João Pessoa, da gente que começa a expressar as suas tendências, as suas aspirações, os seus ideais artísticos. Todos foram unânimes em elogiar o suplemento desse velho órgão da imprensa tabajara. Todos trouxeram palavras de estímulo. Nenhuma vez de discrepância, nenhum gesto de desprezo ou de incompreensão a essa iniciativa de arte. E assim, com esse estímulo, com esse acolhimento fraternal e bom, o CORREIO DAS ARTES, todos os domingos, está nas mãos do leitor, amigo das letras e das artes.

Houve quem dissesse que, no País, o suplemento paraibano nivelava-se às melhores publicações dos grandes centros. Puzessem o CORREIO numa exposição de suplementos em Quitandinha, e ele obteria uma boa colocação não só pelo seu aspecto material, mas ainda pelos apreciáveis trabalhos que enchem as suas 16 páginas.

Como era de se esperar o Governador do Estado foi alvo de forte admiração dos meios culturais do país. Fosse um indiferente às atividades culturais, e o nosso suplemento não existiria. O seu apoio a essa iniciativa, demonstrou saber estimular a nova geração paraibana, dando-lhe uma publicação semanal, essencialmente literária, onde ela pudesse manifestar o seu talento e suas aspirações.

Há muito que se anunciou o aparecimento de uma revista dos NOVOS. Um veículo de expressão cultural dos valores que vão surgindo. A idéia teria vingado mais depressa, se o CORREIO DAS ARTES não tivesse aparecido. Com este suplemento, constituído de 16 páginas, saindo pontualmente todos os domingos, à disposição dos novos e velhos escritores paraibanos, quase que não havia necessidade urgente da confecção de uma revista. Dai, a falta de pressa de acodamento no aparecimento da mesma. O CORREIO satisfaz plenamente à necessidade cultural dos nossos homens de letras, velhos e moços.

Negar o contrario é fechar os olhos a uma realidade. Esquecer ou ocultar o interesse do atual Governador na concretização desse ideal literário da nossa provincia e enquadrar-se naquela expressão: "O pior cego é aquele que não quer ver".

CARLOS ROMERO

PREMIOS DA ACADEMIA FRANCESA

PROSSEGUINDO a distribuição dos premios literários, a Academia Francesa conferiu a Jules Roy o "Premio Max Berthou", pelo seu livro "Les Métier

des Armes". Jean Bonnerot, conservador das Bibliotecas da Universidade de Paris, foi laureado com o Premio "Louis Barthou" que consagra este ano trabalho de real importancia sobre a "correspondencia geral de Sainte Beuve" e a bibliografia das obras desse escritor.

GENOLINO AMADO NO RADIO

CRONISTA Genolino Amado, o aplaudido autor de AVATAR e PIASARO FERIDO, vem, há tempo, dirigindo um programa literario, através da Radio Nacional.

Nesse programa são foca-

lizados varios episodios da vida literaria bem como figuras de projeção na historia das letras.

Denomina-se NEM TUDO. ESTÁ PERDIDO e é irradiado às quartas-feiras no horario de 22 horas.

Na mesma emissora, Genolino Amado apresenta a sua CRONICA DA CIDADE, na voz de Cesar Ladeira, no horario de 13 horas.

BI-CENTENARIO DE GOETHE

Die Leiden des jungen Werthers.

Zweiter Theil.

Du beweinst, du liebst ihn, liebe Seele,
Rettest sein Gedächtniß von der Schmach;
Sieh, dir winkt sein Geist aus seiner Fülle;
Sei ein Mann, und folge mir nicht nach.

Zweite achte Auflage.



Leipzig,
in der Weygandschen Buchhandlung
775.

A data de hoje assinala a passagem do BI-CENTENARIO DE GOETHE e a propósito publicaremos no próximo domingo um artigo do nosso colaborador Dilermando Luna, o qual, por motivo superior, deixamos de divulgá-lo neste número. O clichê acima reproduz a folha de rosto da primeira edição do WERTHER, impressa em Leipzig, no ano de 1775.

CLAVE

De Música e Pró Música

JOÃO DA VEIGA CABRAL

Com este título, num trabalho publicado em rodapé da "A União", lá pelo ano de 1945, iniciei — parece-me — na Paraíba, a literatura musical. Literatura? Não, não tanto. O jornalismo o articulismo musical, vá lá.

Se o fiz bem ou mal, seria enxerimento meu dizê-lo. De que fui e sou lido tenho a certeza porque neste cantinho do Nordeste vive muita gente que dá uma perna ao diabo pela Música. Outra coisa, ainda, não me sinto mal em afirmar e esta é que entrei pisando com o pé direito neste chão semi-virgem da cultura artística. O "em plantando, dá" nunca falhou e nem falhará — tenho fé em Deus — nestas terras do Brasil.

Muito logo, depois do meu segundo ou terceiro artigo sobre assunto musical, acompanharam-me, secundaram-me, com todo o ardor das suas mocidades verdejantes, os meus queridos amigos Hamilton Pequeno, Carlos Romero e Pericles Leal. Todos ótimos jornalistas e escritores já na fase da segunda dentição. O Hamilton glorificador e insolente, conforme o caso, com uma corôa de louros numa gorra e uma faca de ponta na outra. O Romero, naquele sereno geitão seu, macio como uma pluma de algodão de barriguda. O Pericles amolecado como sempre arrecho por Tchajkowski e atirando bodocadas em todo mundo que ousasse dizer não ao que ele achava que era sim.

E a partir daí, começou um barulho magnífico. Não se abria um jornal desta cidade de João Pessoa que não se

topasse logo com um ardentíssimo artigo, uma notícia-propaganda, um comentário ditimbico sobre a Arte dos sons e os seus criadores universais e os seus cultores, aqui na Paraíba. Foi uma braba demagogia musical. Qual a revolução, porém, que já se fez neste mundo sem uma bruta preparação demagógica?

E os resultados vieram. A "Sociedade de Cultura Musical", então uma menininha enfermiga, amarelinha, bestinha, adoleceu depressa, vitomnou-se e brotou, quando ainda ninguém esperava, dois excelentes rebentos: a Orquestrinha Sinfônica e o Conservatóriozinho de Música. E estão se criando, ambos? Estão. E crescendo, muito devagarinho é bem verdade, devido às naturais morrinhas da infância e, também, possivelmente, à pobreza do clima e à escassez do leite condensado que para o caso, deve ser preparado com um bom suco de papel moeda...

Aí estão, porém, servindo como podem à Arte da nossa terra. A ação prática, realística, positiva de dois homens de ferro deram vida efetiva e útil ao que nós, os demagogos da Música, sonharamos em nosso torrencial idealismo fácil de articulistas. Afonso Pereira e Francisco Picado foram esses homens. Eles são bem desses homens que agarram uma idéia no ar e dela fazem uma coisa viva e palpitante que a gente pega com as mãos, vê com os olhos para só então acreditar na sua existência real.

Eu e os meus mencionados amigos das pri-

meiras horas continuaremos a bradar pelo progresso e pela glória da Música, na Paraíba, na Terra e pelo resto do sistema solar, se aos planetas irmãos puderem chegar, nestes próximos anos, as linhas dos aviões de carreira...

X

Aqui estou agora e estarei todos os domingos, convidado que fui pelo meu ilustre amigo Edson Régis, para falar, deste cantinho do "Correio das Artes", sobre as idéias e os fatos da Música. De toda a Música e não somente de um determinado gênero, de uma determinada fase ou de minha pessoal preferência. Um comentário ligeiro, seguido de

quatro ou cinco notícias interessantes sobre o assunto, eis o meu programa. Da Sinfonia ao Samba — que em ambos como em todas as outras formas eruditas ou populares se encontra, em essência, a velha canção humana — colherei as idéias para esses comentários. Na CLAVE está simbolizada toda a potência sonora e expressiva da Música, porque pela sua atuação na pauta, nesta se podem representar desde o humilde agudíssimo aos sons mais graves e margestosos do encadeamento escalar. Por isto, o título permanente desta secção. E "De Música e Pró Música", a expressão com que batisei o meu primeiro artigo já referido, lhe servirá de lema.

D. Pedro II e a Biblioteca de Alphonse Karr

Carlos Laet narrou certa vez: o fato que depois foi referido num livro sobre Conde Mota Maia. D. Pedro II que tinha grande admiração por Alphonse Karr comprou-lhe a biblioteca, posta a venda depois da morte deste. Comprou-a e ofereceu a viúva do escritor.

Esse fato se deu quando D. Pedro II estava banido na Europa e a sua situação financeira, como se sabe, era precária, tendo-se visto na contingência de recorrer, duas vezes, ao empréstimo de um capitalista português. Mota Maia, amigo fiel, inquietava-se com tais generosidades do Imperador, vendo-se que ele não estava em condições de fazê-las. E um dia, quando passeavam à beira mar em Cannes, advertiu-o, com muito jeito, nesse sentido. Não foi fácil a tarefa. Mota Maia teve de contornar o assunto, mostrando que do Brasil não vinham recursos e que o Imperador recusava as ofertas dos soberanos europeus.

— Em conclusão... — observou afinal, D. Pedro II.

— Em conclusão, Senhor, é preciso que Vossa Majestade, ao menos por enquanto, ponha cêbre a sua liberdade e não repita o que acaba de fazer com a livreria de Alphonse Karr.

— Meu caro Mota Maia — respondeu D. Pedro — agradeço a franqueza de sua advertência. Ela, contudo, não me surpreende. Já o sabia. Tenho pensado bastante sobre o caso e tomei uma resolução. Quero acolher-me a um convento e acabar como Carlos V. Veja se acha algum que me receba. Faço questão de uma coisa, que os frades sejam leitores e tenham uma boa biblioteca... Só me pesa separar-me de alguns bons amigos, entre eles, de você.

O EMIGRANTE

CONTO DE JOSÉ FERREIRA GONÇALVES

Os outros passavam alegres e atravessavam rapidamente. Deixou pois a mosca se movimentasse no rosto indiferente. Caminhando era o gosto de cerveja na boca. Cedo ou tarde, talvez perto, bem perto, esquecendo-se das presenças além, para imaginar um lugar a parte. Justamente os vultos sombrios se encobrindo na ponte. Teve Medo.

Claros espaços. Levando consigo o horror organizado, iria olhar bem dentro daqueles olhos cinzentos e frios? Melhor a ponte cinzenta de ferro e o rio cinzento e contudo, apesar da beleza triste e preferível, não passaria muito tempo.

Dos lábios esticados e da voz quebrada que chegava até ele havia um resultado — palavras, palavras, — aqui, no castelo da Dinamarca ou em qualquer outra parte do mundo, sendo aqui a moleza sem pressa do calor e do suor das terras quentes. O rio e as barcas passando, porém para os meninos que recebem educação gratis... a geografia geral ou a viagem imaginária.

Não deu atenção aos engraxates — quer limpar o branco? — foi-se o tempo de Guido e de Stefano chegando ricos em Ravena.

Luz sobre a rua, janelas escancaradas, presentes o orifício das varandas, o primeiro passo e um número sem destino. Afastar a mecha de cabelos seria inútil. O rio, entrou na mercearia. O ar suave de lá fora emuncava alegria, mas evidentemente os pés estavam doendo, teve vontade de tirar os sapatos ali mesmo. O contraste de dentro, era aquela

cheiro de queijo tão caro, ranço, maçã, saquinhos de trigo — a aldeia vem chegando pelo olfato.

Por toda parte ruas grandes, por todas as ruas crianças e velhos, isto é um sem número de pães dentro de um grande cesto que não chegará nunca para todos e brigam por isso.

Em outro dia aceitaria sem relutância. No escuro, porém, o povo se acotovelando, era mesmo

juntos viveram seguidos além do casario, dos cassinetes e da ignorância.

A mulher desviou-se e foi para o lado oposto. Caminhavam carregados e depressa. Surgiu uma ambulância em disparada. O agudo som da sireia cortou a rua em duas bandas, e como sempre as mulheres, as crianças e os velhos estavam de um lado e do outro militares com os



que sair da cadeia para olhar o largo mar.

Sem responder deu as costas, o sobrolho carregado ficou, sentiu-se pequenino e humilde. Falou muito e no fim esboçou um sorriso desdenhoso que lhe escorreu pelo corpo com um calafrio de satisfação, pois eles não entenderiam. Superiormente inflou a musculatura, voltou a sentir-se pequenino e humilde, mas rápido como luz o pensamento aconteceu desejando. As estatuetas brancas em suas mãos ficaram mais tranquilas em sua imobilidade. E

peitos cobertos de pesadas medalhas. Um cordão de isolamento estendia-se do Atlântico ao Pacífico somente?

Olhou, com a mão no bolso e pensamento não sabia localizar. O vento zunia pois era agosto, tentando em arrancá-lo o chapéu. Considerava-se um intrometido mas conseguira chegar até ali. Ah, desgraçada vaidade das letras garrafais!...

E no entanto caminhava, miserável, vulto escuro no dia claro, procurando dentro um aventureiro. Parou de frente.

De novo? Lugar somente para os doentes de imaginação. Magros sim, via-se pelos olhos pregados nos cariazes. Artigos de luxo e bem perto lixo, apenas uma mudança de letra nesta língua nova, sem resistência sempre fugia dos lugares bem iluminados.

Sob os olhos veio o prato fumegante, soprava onde algumas sementes de feijão bichado botavam. Eis os navios do mundo nos portos sujos do mundo, no mar turvo do mundo. Meteu a colher polida, batendo nos dentes com a distração e o prato principal fingia, fingia. Ficou pálido e distante desdobrando rigorosamente o guardanapo tão branco e as mangas do paletó esticadas. Do alto um ventilador roncava docemente inúmeras coisas incompreensíveis, inclusive.

Tinha os olhos de gato e cantava hesitando. Pedra de céu desenhando-se sombriamente de encontro à parede provavelmente vivia nos vasos de flores artificiais. Realmente, era como uma concha aberta enquanto bebia água. Ele era uma porta fechada entre as cortinas da noite, por isto podia criar atrás da porta a fantasia que bem entendesse, porque a mulher poderia sempre ressuscitar quer seja da vitrola ou do cheiro vago que anda nesta tarde igual ao abandono. Assim, pouco a pouco foi ficando até o momento do dia seguinte e ocorreu-lhe olhar como sempre, espiar pelo buraco da fechadura. Era mais confortável, havia mais dignidade dessa forma.

Caras atitudes silenciosas tem seus acessos por dentro. Bastava pensar na luta surda entre

os professores da universidade, depois, no jornal, aqueles que faziam roda para ler o seu ensaio literário e depois de dizerem — ótimo — acrescentavam virando um pouco sofisticados a cabeça para um lado como segredando o contrário aos outros da roda, mas o ensaio saía. Longe.

Demonstrou o mesmo virar de cabeça, ficar fulminante e pagar o aluguel.

A's vezes ajudam, sabem dar um jeito, endireitam os móveis contanto que o aluguel seja pago. Como uma sátira, um livro aberto diante de si, de um lado, e do outro a dona da casa de cômodos com as mãos nos quadris, aliás abundantes. O tom moreno da pele e o livro, resolvidos a ser sonho de noite.

Nada, o silêncio... Decidiu a terminar. Estipulou aborrecido, num gesto de desafio. Prestasse atenção, não ignorava. Brilhante como nunca vira. Pagaria.

O polícia já o havia qualificado, via-se pelo semblante. Abriam-se em sua frente novas ruas de repente, ruas nunca vistas, solidão brotando dos cantos das casas, dos anos vividos, passeios aos cães — tudo substituído pelos velhos indecentes dos cárceres, som que ouvia no éco dos passos de todos os momentos, intenção de ir a qualquer parte, nada vendo na frente senão a liberdade, a liberdade.

Afastados dele que era um bastardo, sem educação e sem dinheiro, baixou os olhos. Lugares sempre iguais a este em todos os lados. A figura atarracada estava na importância ou a importância na figura atarracada contrabalançando as costas e o pescoço rude. Não amava o próximo como a nós mesmos, já. A's vezes passando por uma janela iluminada fugiam as esperanças de ter uma sua. E acontecia que ro-

sadas jovens renunciavam.

Havia uma fala tão sua conhecida agora indagando francamente na lampada elétrica: nome, nacionalidade, profissão, estado civil, idade...

— Senhora, quando vier... (um velho poema sobre a morte).

Amplificadores na boca, não podia deixar de ser, todavia uma aldeia acendia neste momento as primeiras luzes de querosene que não havia luz elétrica devido à guerra, e os primeiros fiapos de neve deviam nascer no céu em que o concavo não existia.

As grades em todo canto são de ferro, pois de madeira seriam fáceis, apesar de que se pode esmagar uma blusa fina nas mãos, atitude material e humana

quando pano, mas muito mais macia no pensamento. E retratos que estão guardados na camera escura, não se pode chamar de escura uma camera tão clara mesmo que seja noite. E viajar de bote, de canoa, de jate, de navio, de avião? Tudo pode acontecer entre as grades sejam de ferro ou de pau.

Por isto é melhor concentrar as idéias somente nesta figura para hoje: a moça do cinema. Vir para cá, ir para lá, fazer compras, orgulhar-se da maneira, apontando, mal erguendo os olhos, nacional. Os grossos e ásperos cabelos, embora não sugerissem delicadezas, pensando com realismo, continuaria contudo incolor como se não os possuísse, indiferente, maravilhando-se apenas

ao primeiro sopro do desejo. Ora o primeiro — desde o navio...

Só queria esmagar a boca da bilheteira, de verdade, com um belo longo de além-mar.

Tropeçava sorrindo, inclinando-se, junto dele uma luz imprecisa e em seu rosto a claridade potente.

Fio de luz, desenho de cruz na vidraça, canto, semelhante de homem, doce espreguiçar mediterrâneo, só agora um corpo flácido, apresentando vivamente a conformação das orelhas, das grandes orelhas.

Novamente? Nome, nacionalidade, profissão, estado civil, idade?

Inconscientemente afastou-se um pouco do deslumbramento cego:

— Estava acordado, disse secamente.

O RELATORIO DE GRACILIANO RAMOS

Incorporou-se à literatura o famoso relatório de Graciliano Ramos, quando administrava o município de Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas, há vinte anos. Pouca gente o conhece. Publicado na íntegra no "Diário Oficial", foi até transcrito nos jornais do Recife e do Rio. Schmidt, o poeta, tirou suas conclusões: temos um perfeito romancista. O resto todos sabem — vieram os romances "Caetés", "Angústia", "São Bernardo", "Vidas Secas".

Para conhecimento dos leitores, escolhemos alguns trechos do que naquele tempo dizia o prefeito de Palmeira dos Índios ao governador de Alagoas, sr. Alvaro Pais:

"Encontrei obstáculos dentro da prefeitura e fora dela — dentro, uma resistência mole, suave, de algodão em rama, — fora uma campanha morna, oblíqua, carregada de bilis. Pensavam uns que tudo ia bem nas

mãos de Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam três meses para levar um tiro.

"Dos funcionários que encontrei em janeiro do ano passado restam poucos: saíram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os atuais não se meem onde não são necessários, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam em contas.

"No cemitério enterrei 189\$000 — pagamento ao coveiro e conservação.

"Relativamente à quantia orçada, os telegramas custaram pouco. De ordinário vai para eles dinheiro considerável. Não há vereda aberta pelos matutos, forçados pelos inspetores, que a Prefeitura do Interior não ponha no arame, proclamando que a coisa foi feita por ela: comunicam-se as datas históricas do governo do Estado, que não precisa disso: todos os aconteci-

mentos políticos são baralados. Porque se derubou a Bastilha — um telegrama; porque se deitou uma pedra na rua — um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela — um telegrama. Dispendio inútil. Toda gente sabe que isto por aqui vai bem, que o deputado morreu, que nós choramos e que em 1556 D. Pero Sardinha foi comido pelos Carlés.

"Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates.

Todos os meus erros, porém, foram erros de inteligência, que é froca. Perdi vários amigos, ou indivíduos que possam ter semelhante nome. Não me fizeram falta. Há descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por esses dois anos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos. Paz e prosperidade". — Graciliano Ramos.

(Dos arquivos de José Augusto Guerra).

CORREIO DAS ARTES

NATÁLIO NORBERTO

Dizer-se que existe uma geração se formando é trabalho que rigorosamente só será determinado daqui a alguns anos. Acrescente-se a isto que a sugestão, não fosse uma simples "tira-da" dos que sem rodeios procuram se firmar, seria muito comoda, e, entretanto, colocaria os no-

vos numa situação embaraçosa. A existência de uma geração implica num mínimo de estilo comum de concepção de vida e de realização artística, e não poderá revelar-se senão sobre uma outra que chega ao seu término; é um grupo que surge valendo como grupo, caracterizando-se

como um movimento efetivo, embora nascente. Ao nosso ver, por enquanto, ainda não existe nenhum movimento coletivo, nenhuma feição dominante, o que faz concluir que falta alguma coisa de essencial a ela. Em consequência, portanto, rejeitamos a idéia de uma nova geração criadora: ótimos escritores, bons poetas, sim.

Prova disso temos ao que vem fazendo esta turma de rapazes que começa a publicar seus primeiros artigos e poemas, um pouco por toda parte — no Norte, no Centro e no Sul — com seus originais datilografados circulando até nas províncias mais distantes; já sua repercussão merece destaque, merece a notícia desta semana.

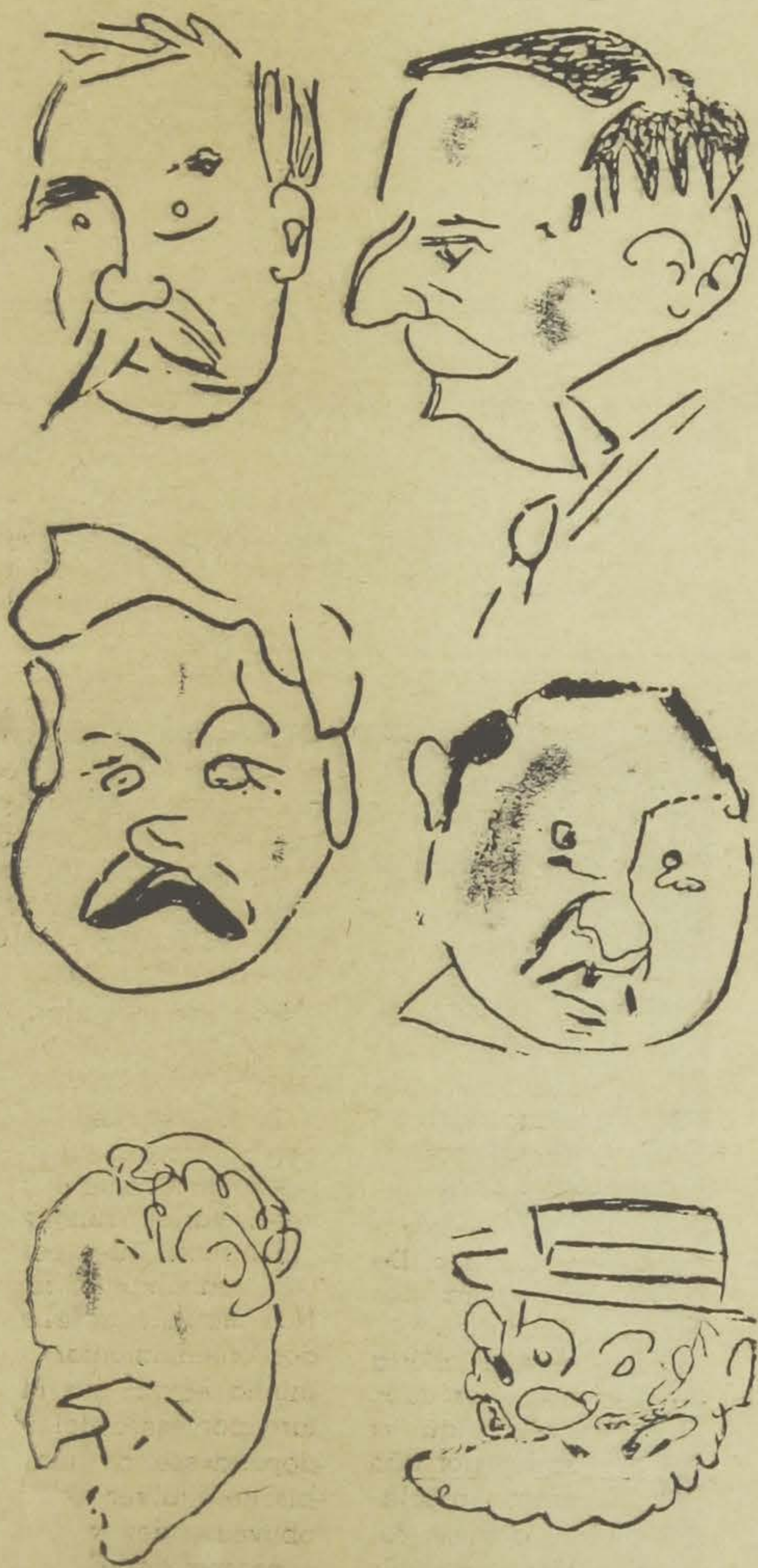
Agora mesmo, liderado pelo mais jovem grupo-élite do Nordeste, em franca resistência aos blocos literários, acaba de aparecer em João Pessoa o "Correio das Artes", suplemento literário de "A União", o qual reúne as colaborações dos intelectuais paraibanos de maior significação no momento. E tratando-se de um fato expressivo que bem mostra o excesso de gosto pela vitória e desejo de vencer dos novos (desejo e projeção que aumenta com o correr dos anos) registramos nesta coluna — que também é anti-grupista — a sua importância especial de vez que representa não só uma simples conquista literária, mas um acontecimento de cultura.

O novo suplemento, que obedece à direção de Edson Regis, afirma, repetimos, a existência de bons escritores, e é, como dizem na página de abertura, uma contri-

buição ao atual movimento literário e artístico do Brasil. Em outras palavras: um esforço comum para admitir a sua liberdade dentro das tendências do pensamento moderno, o qual em como fim determinante reunir, apresentar e explicar os mais diferentes problemas humanos.

Noticioso, ilustrado, com artigos, poemas e contos de Carlos Romero, Haroldo Bruno, Hamilton Pequeno, Dilermano Luna, Edson Regis e outros além de variadas informações, etc., o "Correio das Artes" é uma auspiciosa manifestação da vida cultural na província, e se junta à corrente que dá, no momento, à nossa literatura vigor novo e força de reconstrução edificante.

(BELEM — PARÁ — 1949)



CARICATURAS FEITAS POR GILBERTO FREYRE (REPRODUZIDAS DE "OS ARQUIVOS IMPLACAVEIS")

Noticias

"HORIZONTE"

RECEBEMOS o primeiro número dessa publicação de Porto Alegre. O número de estréia, bem deixa ver, que essa "revista ambiciosa" na ser um reflexo fiel da vida intelectual e artística do Rio Grande do Sul.

"ESTUDANTE"

ORGÃO do Grêmio Machado de Assis, de Cataguanzes obedece a orientação de Francisco Inácio Peixoto Filho, jovem escritor mineiro, filho do Contador Francisco Inácio Peixoto, traz além da colaboração ginasial, poemas de Augusto Frederico Schmidt, traduções de Jules Renard, reportagens sobre Portinari, Niemeyer e Villa-Lobos.

UM NOVO DESTINO

HIGINO DA COSTA BRITO

Ao apresentar o escritor Anibal Fernandes na Academia Paraibana de Letras, quando da palestra que o diretor do "Diário de Pernambuco" pronunciou sobre Joaquim Nabuco, a convite daquela agremiação de intelectuais, no dia 19 do corrente, o acadêmico Higinio da Costa Brito fez a seguinte saudação:

QUANDO toda a nacionalidade como que se faz de alta-mór do civismo para nêle se exaltar um dos seus mais ilustres filhos, cujo nome é um símbolo imparecível a desafiar a ação corrosiva do tempo, não seria cabível nem se justificar poderia que a Paraíba tão soberba sempre de reações cívicas — se deixasse ficar muda e parada na tranquilidade de um indiferentismo estranho. El-la, pois, na linha de frente das comemorações, ocupando o seu lugar, na mais absoluta consciência do que lhe cabe fazer. Ainda há pouco era o Governo do Estado quem prestava as justas honrarias ao vulto insigne de JOAQUIM NABUCO. Agora é a Academia Paraibana de Letras que se agita e levanta, que se aclara e se enfeita no mesmo sentido de reverência e enaltecimento.

Esta semana de NABUCO, que tem para nós um sabor quase fraterno visto como Massangana e o Sanhauá são vizinhos, é bem uma extraordinária evidência de compreensão de dever, uma exuberante floração de sentimentos elevados, uma clarinada diferente, bulindo lá dentro do íntimo dos homens atuais, despertando-lhes a atenção e o interesse para um daqueles vórtices que, de passagem pela terra e pela vida, fizeram da existência um motivo de dignidade pública e uma fonte de atitudes verticais que, se os enobrecem, antes de tudo honram a geração e a Pátria a que serviram.

Era preciso, porém, para sermos coerentes com as nossas tradições de vanguardeiros do culto cívico, que emprestássemos a homenagem uma imponência digna do homenageado. E, senhores, que maneira mais justa e mais nobre de comemorar o primeiro centenário de nascimento do pernambucano Joaquim Nabuco do que esta de trazer ao nosso seio outro pernambucano que é como uma alfaiz da moderna constelação intelectual do Leão do Norte? Eis porque a A.P.L. trouxe, para encanto seu e fulgor desta noite, a figura inconfundível do sr. Anibal Fernandes. O meu ofício, neste instante, é recebê-lo em nome desta Academia e apresentá-lo a esta douta assembléa. Mas, senhores, porque e como irei apresentar-vos quem vos é tão conhecido, quem, há tanto tempo já, entrou no rol das vossas admirações intelectuais? Cada um de nós já se acostumou a vêr neste que logo mais irá iluminar e colorir este ambiente com as cintilações de seu talento de escôl e as cores personalíssimas de sua cultura, um humanista, deste neo-humanismo puro de que nos fala D. Aquino Correia, um historiador de estirpe moderna, sem o mote adesivo e sem o almiscar penetrante dos alfarabistas rotineiros, um jornalista agil, dominador esplêndido da pena e dos assuntos, agitador de campanhas memoráveis, enfim, uma geração polimérica e viva de pensador que, penetrando os refólhos do pensamento humano, se caracteriza pela roupagem simples e encantadora, ao mesmo tempo discreta e impressionante com que orná e ataviza os seus trabalhos. Assim, pois, vindo de longe é o sr. Anibal Fernandes um dos nossos porque é um dos mais íntimos conhecidos da intelectualidade paraibana. Deste jeito não há porque apresentá-lo. Há sim, que o receber e saudar.

Para acontecimento tão grande como este de hoje é por demais simples a nossa casa, sr. Anibal Fernandes. Aqui encontráreis, apenas, velhas paredes lisas que, após uma letargia de dezenas de anos, despertam ao entusiasmo de um novo destino, encontraréis uma Academia de Letras ainda sem tradições, ainda com cadeiras vazias, movimentando-se sob o peso do provinciano complexo de timidez que nos persegue.

Como vêdes, é nesta morada singela, sem galerias evocativas que falem de uma longa caminhada percorrida mas, do mesmo jeito, sem europeus pretenciosos que pretendam mascarar a nossa condição, é nesta casa assim que vos recebemos.

Ao abrirem-se porém estas portas para que nela penetrassem outras portas se abriram também. E eu vos digo, sr. Anibal Fernandes, valendo-me do lugar-comum que, às vezes, sabe como novidade, que neste instante não somente esta Academia mas toda a Paraíba intelectual abriram de par em par o cérebro para vos ouvir e o coração para vos receber.

O personagem do conto de Berilo Neves, ao descobrir uns raios especulíssimos que permitiam ler, como num livro aberto, o que ia no âmago dos pensamentos humanos, tanta hipocrisia, tanta falsidade, tanta miséria moral se lhe depararam que resolveu suicidar-se levando para o túmulo o terrível segredo para que os homens não perdessem, de vez, a última ilusão na sinceridade de seus semelhantes. Neste instante, porém, sr. Anibal Fernandes, a Academia Paraibana de Letras gostaria que fosteis possuidor do segredo perigoso. Porque, só assim poderíeis vos capturar e sentir em toda a sua extensão o quanto de honra, de contentamento e de ufania sentimos todos nós com a vossa presença nesta casa.



DESENHO DE FERNANDO PEDROSA

PARALELO DE DUAS GERAÇÕES

DARCY DAMASCENO

Agora que no campo literário se dão os primeiros choques entre duas gerações, interessante é tentar-se um balanço da contribuição de uma, desde seu aparecimento, e do que nos dá outra, como realização presente e possibilidade futura.

O rompimento, um tanto brusco, reconheçamos, levado a cabo pelos jovens que se congregam em torno da revista "ORFEU" teve, quando menos, a vantagem de despertar a atenção dos escritores moços para o que ainda pode ser considerado a realidade modernista e de fazê-los voltar os olhos mais atentamente para os seus companheiros de geração, de modo a proporem-se um cotejo de valores: "novos" e "velhos", qual a oportunidade de cada grupo à vida literária destes tempos, até que ponto se dependem, quem permanece mais fiel à função literária, quem traí e quem representa algo novo?

Uma quantidade grande de perguntas pode ser proposta aos escritores moços, fazendo-os inquietar-se pelo aspecto dinâmico da literatura e oferecendo-lhes possibilidades para um trabalho crítico, imparcial e sereno, para um exame, já agora sem ilusões de qualquer natureza, do que foi a curva modernista.

Algumas razões se têm verificado, com respeito a esse rompimento, nas quais a argumentação mais frequente é a falta de unidade nos jovens, sua ocorrência de objetivos definidos, a dependência em que se encontram, em relação aos escritores de pós-22, a evasão, caracterizada

pela volta a formas e ideais anacrônicos, etc.

Limitando-nos ao terreno da poesia, cabe neste paralelo perguntar quais, também, os objetivos da revolução modernista, que programa coerente apresentavam, que unidade havia entre os escritores de então, que novas idéias traziam para salvar a poesia da decadência parnasiana ou simbolista daquele momento. E bem pouco haveria a responder.

Agrupados em torno de vinte e tantas revistas espalhadas por todo o Brasil, os jovens estão dando hoje uma prova de mais pujança, de mais entusiasmo, de mais inquietação e ao mesmo tempo de mais compensação do que nos deram os mestres de ontem, quando suas revistas podiam ser contadas a dedo, pobre bateria assediada contra os paredões parnasianos, de tiros ineficazes, que por muitos anos produziu alvoroço mais pelo ruído do que pela violência dos impactos. Sem amplitude nacional metropolitana quase exclusivamente, aquele movimento poético em nenhum instante alcançou a largueza alcançada hoje pela agitação dos jovens, espíritos inquietos e sem rumos claros, mas decididamente rebeldes à estagnação. Sem fins de eliminação, os poetas de 22 dedicaram-se à derrubada geral, transformando o terreno da poesia num campo árido onde procuraram plantar seus cactus onedóricos, mas de tal forma destruíram que mais de dez anos passariam até o surgimento, nessa extravagante cultura, de um fruto, maduro e sério.

Os moços, entretanto,

contraditoriamente mais sensatos em sua insubordinada revolução, não destroem nem renegam: apresentam-se, apenas, com a vontade firme de selecionar valores, de verificar por si mesmos, mediante um critério justo, sem preconceitos, quais os escritores que levaram o cabo, honestamente, a sua missão na vida literária dos últimos vinte e cinco anos. Querem apenas liberdade para distinguir dentro a legião de "revolucionários" aqueles que realmente permaneceram fiéis à revolução, os que dela extraíram experiências estéticas e puderam dar-nos o que deviam.

É de esperar-se um aumento da reação contra a tarefa que se propuseram os moços, à medida que se alargue o âmbito da revisão iniciada, pois até agora "velhos" e "novos" se haviam limitado a considerar a geração modernista, principalmente poetas, num só grupo, sem atender aos que falharam na sua missão ou aos que traíram o movimento desde os primeiros tempos. Na verdade, pouco pedem os jovens, por agora: apenas liberdade para julgar se Carlos Drummond de Andrade, o mestre de "Sentimento do Mundo" e a "Rosa do Povo", foi, com o anedótico versificador dos livros anteriores, mais poeta do que alguns bons parnasianos, ou se com os poemas posteriores ao segundo livro citado tratou ou não a mensagem que havia lançado a uma parte dos escritores jovens; querem saber o que foi realmente Augusto Frederico Schmidt como "revolucionário", ou se devem ir diretamente as fontes de sua poesia;

querem saber por que não de aceitar o tabu em que os poetas modernistas resolveram transformar Manuel Bandeira, dando-nos como poesia moderna os bonitos versos românticos e os guias e anedóticos líricos.

Somente a cegueira dos poetas de 22 e 30, para não dizer a sua pouca compensação intelectual, aliada a uma formação cultural que pode causar reservas, explica o desrespeito à poesia, naqueles tempos. Não é que o surrealismo francês inspirasse cominhos a eles, porque há na poesia de Breton, Eluard e Aragon um pouco mais de seriedade do que na de nossos inovadores; há, principalmente, nos poemas de por eles tão admirado e mal assimilado Apollinaire uma grandeza lírica, uma pureza tamanha que não puderam eles perceber, ou não teria sido aquela primeira fase modernista um tropel de bárbaros pelo país da decadência. Somente uma cultura de raízes pobres poderia dar os frutos de então, e só a volta tardia ao que antes desprezavam pode fazer com que os "evolucionários" dessem, vinte e cinco anos depois, uma torsão a suas idéias e se refugiassem no território do conformismo, elas, que agora condenam nos jovens a sua louvável aprendizagem técnica, ao exercitarem-se em formas antigas e novas, sem preconceitos de qualquer espécie, antes com a convicção de que tanto umas como outras são um acervo impossível de ser desconhecido ou desprezado pelos que olham com seriedade a missão intelectual.

Seria interessante fa-

zer-se um estudo a respeito da formação literária dos poetas modernistas, naquela época, e dos moços de agora. Quase nos inclinamos a supor que levariam os primeiros uma desvantagem bem acentuada. Os primeiros anos modernistas foram na poesia, aquela nulidade sabida e que já hoje podemos apontar sem reservas, e isto só se explica por uma falta de força criadora, pela falta de sedimentação cultural, além de experiências de vida, potência poética, etc. Quanto aos novos, é com alegria que devemos olhar essa preocupação por conhecer, experimentar, selecionar, assimilar, indo entre formas e ideais de todas as épocas literárias, fazendo em todas sua dura aprendizagem, sem subordinarem-se a nenhuma. Esta a contradição que não podem conceber os modernistas, e que é justamente a melhor marca a ser apresentada pela juventude: contraditórios, apaixonados, injustos mas profundos, os jovens estão dando um índice de seu verdadeiro momento biológico. Neo-clássicos, neo-românticos, neo-modernistas, tudo são e nada são, pois seria ingênuo esperar de seus vinte e tantos anos de definição de linhas duma estética de amanhã. Em sua rebeldia de hoje são mais sensatos do que o foram ontem os modernistas: não derrubam — despem, desmacaram; não se apresentam com a auto-suficiência de 22 — sabem do que necessitam mas sabem também distinguir a bagaceira acumulada em muitos anos de brincadeira com a poesia. Se há, entre os moços, insuficientes e incapazes, não se deverá julgar por estes os poetas de amanhã: há por aí um grupo bem representativo de jovens que sabem ser a poesia o seu

campo de atividade vital e a ela se entregaram incondicionalmente. Os outros são raízes adventícias, e uma simples olhada pelos começos modernistas é bastante para verificar como tais raízes são sempre abundantes. Mas de curta vida, felizes.

Também tem sido motivo de crítica nos poetas novos o subjetivismo extremado, o alheamento à vida. Se tomamos a expressão pelo sentido que se lhe costuma dar hoje, mais correntemente, ou seja evasão da realidade ou não participação nas relações político-sociais que se estabeleceram no mundo moderno, nada se lhes poderá recriminar: o subjetivismo consiste apenas na eleição doutra realidade, aquela do artista, a mais séria e intocada, que é o seu mundo interior, com a rejeição da que existe fora de si, em termos precários. Isto não implica uma ausência de contactos entre ambas as realidades, com as consequentes interações; implica, isto sim, uma repulsa à sujeição da realidade individual à geral, da interior à exterior. É uma atitude aceitável como outra qualquer; na verdade, o que dá valor à obra de arte, quanto a isto, é o calor humano que se lhe empreste, e não as suas relações frias, inexpressivas com a sociedade.

Mas, ainda assim, aceitando-se a atitude "falsa" dos jovens, pode-se perguntar: que nos deu a poesia modernista como participação? Os problemas sociais de nosso tempo encontraram expressão, poética em apenas dois escritores da passada geração: Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade; mas enquanto no primeiro tais problemas eram tratados apenas como elementos que permitissem a evasão para o

campo religioso, neste a participação era tão só uma derivação: quando se esperava do poeta itabirano uma sugestão de rumo aos jovens, eis que ele se recusa à nova linha poética, se detém e volta sobre seus passos. Raciocinando como os que impensadamente criticam os jovens, quanto a este ponto, indagamos: quem foge, pois, à vida: aqueles que se debruçam sobre um mundo desorganizado, contraditório e agonico para entoar salmos recordando a nossa triste condição terrena; aqueles que deixam escorrer as lamentações junto ao moribundo corpo burguês, ou os que, inquietos, insatisfeitos e revoltados pressentem para o artista a necessidade já agora inadiável de demarcar as verdadeiras fronteiras do terreno artístico, dando ao passageiro o que lhe deve e à arte o que é da arte?

Ai estão duas gerações, uma apática, desencantada, estagnada; outra romântica, otimista, dividida em confissões, filosofias, partidos os mais opostos, mas toda ela unida pela mesma determinação de fazer da arte um território de ventos pródigos, impenetrável às pequenas coisas que são a nossa vida de todos os dias mas que não devem ser a nossa preocupação de todos os instantes. O clima de serenidade que favorece a atividade criadora terá de ser conquistado pelos artistas, e se o homem que há nêles se lança aos campos onde ardem suas paixões, jamais deverá aspirar a trazer para esses campos a arte como arma de combate, e sim levar dos mesmos ao seu território neutro a soma de experiências que a participação, como homem, lhe proporciona.

Desejariamos terminar este paralelo que,

com honestidade a isenção de animo tentamos estabelecer entre duas gerações agora em franca dissensão alertando os jovens para alguns perigos a que poderiam expor-se, levados por um excessivo zelo em sua aprendizagem. A obstinação em certos treinos métricos ou no aprofundamento de ideais anacrônicos poderia transformar em atividades rotineiras o que deve ser um constante e variado exercício, em campo temático seco e limitado o que deve ser um infinito e fecundo experimentar, indagar, conhecer. Que o desejo louvável de revisão não leve ao exagero da eliminação nem o restabelecimento de valores por longo tempo desprezados ou desconhecidos seja uma volta ao passado e uma fixação no tempo. O temor às palavras e o amor a elas são igualmente necessários ao poeta, mas não nos encaminhe um à vulgarização nem o outro ao preciosismo falso, à verbalização: poesia se faz, sobretudo, com palavras, e necessário é conhecê-las para dominá-las.

Bem se pode esperar de jovens cujas linhas mais acentuadas são o inconformismo, a rebeldia e a desprendida entrega à sua vocação. Sabem todos que estão realmente fiéis à vida, pois viver é a sua arte.



"SUL"

ESTÁ em circulação no n.º 8 dessa revista que se edita em Florianópolis. "SUL" é o órgão do Circulo de Arte Moderna de Santa Catarina.

O exemplar em apreço encerra ótima matéria cultural.

NUM elevado gesto de prestígio e apoio ao movimento cultural que empreende este suplemento, a Caixa Econômica Federal da Paraíba instituiu, conforme já demos notícia, um prêmio de DOIS MIL CRUZEIROS, para ser dividido entre os jovens colaboradores de CORREIO DAS ARTES, que mais se distinguiram, até então, no ensaio, na ficção, na poesia e na pintura.

Essa iniciativa, que partiu do dr. Manuel Moraes, presidente do importante estabelecimento de crédito, teve o apoio do respectivo Conselho Administrativo, sendo incumbidos de presidir ao concurso uma Comissão Julgadora, integrada pelos escritores Oscar de Castro, Celso Mariz e Clovis Lima.

Esses intelectuais paraibanos selecionaram entre os colaboradores deste suplemento os nomes de Juarez Batista, Carlos Romero, Eduardo Martins e Hermano José, na respectiva classificação dos gêneros ENSAIO, FICÇÃO, POESIA E PIN-



NA FOTOGRAFIA ACIMA, COLHIDA EM NOSSA REDAÇÃO, APARECEM DA ESQUERDA PARA A DIREITA: DRS. MANUEL MORAIS E VIRGILIO CORDEIRO, RESPECTIVAMENTE PRESIDENTE E MEMBRO DO CONSELHO ADMINISTRATIVO DA CAIXA ECONOMICA FEDERAL DA PARAIBA E O CAIXA DAQUELE ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO, SR. MANUEL SABINO; O ORIENTADOR DESTES SUPLEMENTO E OS ESCRITORES QUE INTEGRARAM A COMISSÃO JULGADORA: DRS. CELSO MARIZ, CLOVIS LIMA E OSCAR DE CASTRO.

PREMIOS A COLABORADORES DO CORREIO DAS ARTES

POEMA

GEORGE MATTOS

COLHI UMA ESTRELA
NA MADRUGADA REMOTA,
SEM PERFUME
NEM PETALAS VERMELHAS
DE ROSAS DESFOLHADAS
QUE SURGEM DE AURORAS JÁ NASCIDAS
PORÉM
UNICAMENTE UMA ESTRELA.

NA ENCRUZILHADA DOS SALMOS
ENCONTREI UMA ESTRELA,
RENEGADA CAMINHANTE DO DESESPERO,
DESEJADA AMANTE DOS QUE SE FORAM,
VIAGEIRA DAS SENDAS OBSCURAS
DOS SONHOS JÁ DISTANTES.

AH, NOITE IMENSA
CAVALGAI
QUANDO AS LUZES E AS TREVAS TRANFIGURAREM-SE
QUE ENCONTREI A ESTRELA DO IMPOSSIVEL
A ETERNA E ESPERADA COMPANHEIRA
QUE NÃO FAIA DOS CAMARADAS MORTOS
NEM DE PROSTITUTAS PERDOADAS
MAS INSPIRA O AMOR
E A PAIXÃO BRUTAL DOS DESVAIRADOS.
CAVALGAI E ESPERAI NAS DISTÂNCIAS
O CORPO ENGANADO DO INFELIZ
QUE NAS SENDAS DA MADRUGADA JÁ REMOTA
SONHOU UM DIA
HAVER ENCONTRADO UMA ESTRELA.

TURA, manifestando, após, a sua decisão, em carta di-

rigida aos diretores da Caixa Econômica Federal da Paraíba.

A propósito, o dr. Virgílio Cordeiro, presidente em exercício daquele estabelecimento, respondeu nos seguintes termos:

"Ilmos. Srs. Drs. Oscar de Castro, Celso Mariz e Clovis Lima:

Temos o prazer de acusar o recebimento da vossa carta de 3 do mês corrente, endereçada ao nosso prezado colega dr. Manuel Ribeiro de Moraes, comunicando o resultado da incumbência que vos foi encarregada, qual a de nomear entre os jovens colaboradores do "Correio das Artes", aqueles que até mais se distinguiram no ensaio, na ficção, na poesia e na pintura.

A louvável idéia do nosso digno companheiro de diretoria plenamente apoiada pelo Conselho Administrativo desta Caixa Econômica Federal, não visou, em especial, instituindo prêmios, estimular, pelo interesse pecuniário a nova geração intelectual paraibana. Antes,

ela entendeu fazê-la sentir que em torno desse grande movimento, há um ambiente de prestígio, de apoio e de emulação.

Assim, agradecendo a vossa louvável desincumbência, estamos enviando 4 cadernetas de depósito, destinadas aos srs. Juarez Batista, Carlos Romero, Eduardo Martins e Hermano José, com o pedido de fazê-las chegar às mãos dos seus destinatários.

Com distinto apreço e consideração.

VIRGILIO CORDEIRO
DE MÉLO — Presidente em exercício".



A Marcha da Fome

JOSÉ LEAL

Reportagens, documentários cinematográficos, livros e relatos verbais nos tem familiarizado com os espetáculos das multidões famintas da China, da Índia e de outras regiões densamente povoadas, onde a escassez de alimentos pereniza ao número das cousas corriqueiras e leva os espíritos pouco esclarecidos a estabelecer relação entre população e alimentação, valorizando o binómio em que Malthus baseiou a sua doutrina.

Se bem que não tenha ele Malthus o merito da originalidade, pois nada mais fez do que emprestar actualidade a uma teoria proclamada no VI século por Giovanni Botero, segundo a qual a salvação da humanidade residia na restrição da natalidade, visando a diminuição ordenada da população do mundo, que seria exgotado na sua capacidade de alimentar tão grande volume demográfico.

O problema, como se vê, vem impressionando as fantasias de pseudos técnicos, que a sua margem divagam improvisando teorias evidentemente falsas, sem sedimentação na pesquisa do fenómeno fome. A ciência moderna, porém, contesta que na drástica redução da natalidade e na cessação do combate às endemias e enfermidades que affligem a humanidade, o recurso habil para deter a marcha da fome sobre a terra.

No estado actual dos conhecimentos surpreende o exito de livros como "Caminho da Perdição" do norte-americano William Vogt, expondo pontos de vista em aberrante contradição com as conclusões dos esecialistas sobre o problema

populacional e a subsistencia das massas de habitantes do mundo, em relação da capacidade de produção dos abastecimentos essenciais ao consumo.

No citado livro, aliás consagrado "best-Seller" de 1948, Vogt empresta nova roupagem ao binómio população e alimentação, pivot do malthusianismo, condenando o esforço generoso dos povos civilizados para conservar as vidas das criaturas humanas das áreas de abastecimentos precarios e deficientes, que ao seu ver deviam se deixar se extinguir de inanición, como contribuição ao desgaste das massas de povos mal alimentados, esquecido certamente de que não é a subnutrição factor determinante da restrição da natalidade, como falam bem alto os exemplos da Índia e da China, povos mais prolificos dos tempos modernos.

Os argumentos serodios que alinha impressionam decerto aos espíritos desprevidos mas não resistem ao mais ligeiro cotejo com os fatos arrolados pela ciencia e observadores do fenomeno da fome entre os

povos de organização rudimentar. E' precisamente entre esses povos onde se registra mais vertiginosa ascensão do nivel demografico enquanto a sociedade prosperar accusam em todos os tempos uma tendencia firme para o controle do desenvolvimento das familias, tal se constatou na França, na época em que a sua prosperidade atingiu o ponto mais alto.

Em "Caminho da Perdição", esse panorama passa desconhecido uma vez que Vogt se deixa possuir da idéa fixa de que a unica salvação da especie humana consiste em seleccionar nucleos providos de todos os confortos e abundantemente abastecido, para isso prevê o despovoamento das áreas onde o adensamento da população constitue factor da queda do nivel de vida.

A inconsistencia da sua argumentação resalta a um exame criterioso das questões, porque na realidade a capacidade de produzir alimentos não está excedida nem se exgotou em parte alguma. O que se dá é a má exploração das fontes de produção em consequencia da qual existe a fo-

me em caracter mais ou menos permanente em vastas áreas da terra.

Além da rotina responsavel pela deficiencia de produção o mal se agrava com a imperfeição da distribuição das colheitas, registrando-se o foto verdadeiramente inadmissivel numa época de vertiginosidade dos meios de transportes, de enquanto numa região as safras apodrecem nos campos noutras a morte pela inanición ceifa milhares de vidas.

Da observação unilateral desses fatos tira Vogt conclusões errôneas proclama que o mundo está saturado de habitantes, as terras aptas a produção de alimentos exgotadas e safras, mas na realidade nada disso acontece. Vastas regiões jazem praticamente desertas, terras feracissimas dormem virgens da iniciativa do homem, os alimentos rebentam das searas numa pleora que os imperfeitos meios de transportes não os podem escoar para os centros de consumo.

O problema da superpopulação deixará de ser problema na occasia em que caírem as barreiras estupidamente levantadas deante das ondas emigratorias, quando se abrirem a exploração racional as imensas áreas maninhas da America, da Africa e da Oceania.

Uma condção, entretanto se impõe, para o exito dos empreendimentos tendo por escopo a expansáo da produção e esta é precisamente o ponto nevralgico das reformas sociais impostas pela evoluçáo da sociedade — a abolição dos latifundios improdutivos, sem o que a marcha da fome prosseguirá em ritmo acelerado.

Como Capistrano de Abreu Proclamou a Republica

Capistrano de Abreu costumava contar como éle, simples redator da "Gazeta de Noticias" proclamara a Republica em 15 de novembro. Depois da sedição, os seus principais promotores, Deodoro e Quintino, ficaram indecisos. Uns queriam, mas não ousavam; outros decidiam-se a esperar. O povo, esse assistia "bestializado" aos acontecimentos na frase de Aristides Lobo. Foi quando Capistrano tomou o giz e no quadro negro da porta da redação, escreveu por sua conta e risco:

"Proclamada a Republica".

A multidão — diz A. Peixoto de quem reportamos este fato — ecoava pela rua do Ouvidor, lia, parava, seguia comentando e espalhando: "estava" proclamada a Republica. Os interessados, então, vieram a saber: proclamara-se a Republica.

Aspectos da Conferencia de Araxá

LOPES DE ANDRADE

I

A oportunidade, que me concedeu a Associação Comercial de Campina Grande, de participar, como seu representante, na Conferencia de Araxá deu-me o ensejo de ver, de perto, o ensino de verificar pessoalmente como são ainda relegados a um plano de inferioridade problemas de base da nossa organização social, enquanto outros de puro "divertimento" ocupam posição de relevo nas discussões dos nossos homens.

A que se deve atribuir essa contumaz falta de senso prático do nosso povo, essa invencível tendência para um quase desdenhoso alheamento da realidade ambiente e endeusamento de assuntos de fachada, ou que nos afligem apenas sentimentalmente e por indução?

As migrações internas do Nordeste, eis o tema que me propuz debater em Araxá com industriais, comerciantes e

agricultores dos Estados do Sul. A vantagem desse debate era evidente: nós do Nordeste habitamos uma região tradicional de emigração, cuja fecundidade vem suprimindo os campos do sul de suas necessidades de trabalhadores, continuamente, desde quase um século; os nossos problemas neste particular encontram-se, como é óbvio, estreitamente associados aos das regiões sul e centro-oeste do Brasil, sendo muito natural que um tête-à-tête, entre nordestinos e sulistas, a respeito de migrações, suscite interesse e convenha a uns e a outros.

Dentre as centenas de teses apresentadas à Conferencia de Araxá, sobre os mais variados temas, quatro se referiam expressamente a migrações internas do Nordeste: uma da Bahia, outra de Sergipe, outra do Ceará e a que apresentei pela delegação da Paraíba. O assunto foi discutido na 8.ª Comissão Técnica da Conferencia

e esteve a cargo principalmente dos autores das teses, do prof. Fernando Prunes, da Universidade de Porto Alegre, do dr. João Gonçalves de Souza e de outro companheiro deste, ambos técnicos do Conselho Nacional de Imigração e Colonização. Não interessou, todavia, nem aos agricultores, a cujos negócios afetam diretamente, nem aos industriais paulistas, fluminenses, paranaenses, etc.

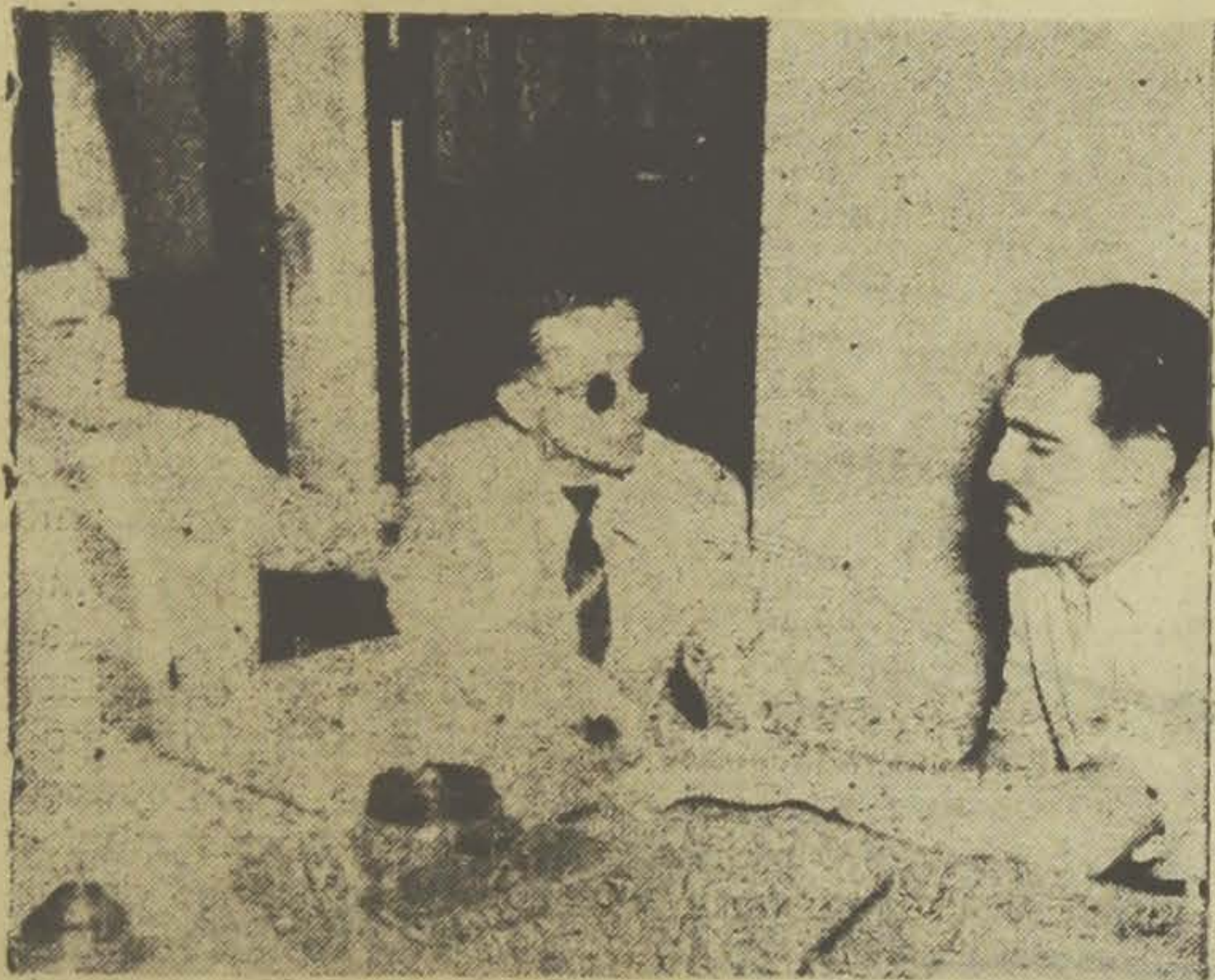
Estes senhores, é verdade, traduziram seu assentimento às nossas discussões sobre o problema, concedendo ao trabalho do nosso grupo interessado nas migrações um voto de louvor e aprovação unânime das conclusões que apresentamos. Mas, só isso. Ninguém demonstrou especial interesse ao menos pelos aspectos dramáticos de que ordinariamente se revestem os nossos êxodos internos e que, em geral, causam tanto efeito entre sulistas. E isto, a despeito de as teses do Ceará, de autoria de José Stenio Lopes, um dos mais futuros escritores da nova geração cearense, e da Paraíba jogarem com dados estatísticos impressionantes relativos à emigração de nordestinos.

A tese baiana, de autoria de Epaminondas de Carvalho, fixava antes aspectos da mobilidade de trabalhadores, do fenomeno de "rotinização" na área do fumo da Bahia, oferecendo a este respeito substancial contribuição, mas de reduzida amplitude. Quanto ao trabalho apresentado pela delegação de Sergipe, de cujo autor infelizmente não guardo o nome, era mais uma indicação do que uma tese sobre o tema das migrações nordestinas,

tendo seu autor logo de início concordado em fazer suas as conclusões das demais teses, passando a contribuição que trouxe a servir apenas subsidiariamente para a discussão do problema.

Iniciamos a nossa troca de opiniões, no Subgrupo C da 8.ª Comissão Técnica, às 14 horas do dia 26 de julho e fomos concluí-los às 24 horas do dia seguinte, apenas com os intervalos necessários às refeições e ao repouso noturno, o que deu uma média de trabalho de 16 horas por dia. E isto depois de vários debates preliminares, durante os dois dias anteriores, no plenário geral da 8.ª Comissão.

Um ponto é necessário frizarmos nesses debates para que melhor se conheça a índole e importância dos mesmos. O prof. Prunes, bem como o escritor João Gonçalves este autor de uma recente e esplendida monografia "Goiaz — uma nova fronteira humana" e seu companheiro do Conselho Nacional de Imigração e Colonização de cujo nome também não me recordo, estavam como que ainda regressando da I Conferencia Brasileira de Imigração e Colonização realizada em abril deste ano em Goiânia. Todo o interesse de cada um deles enfocava-se no colono estrangeiro e nos problemas da colonização com estrangeiros. Apenas como derivados interessavam-se pelo colono nacional e pela colonização com nacionais. Percebia-se que seu pensamento central era incluir, na parte relativa à imigração e colonização da Conferencia de Araxá, as mesmas sugestões, resoluções e recomendações já aprovadas pela Conferencia de



O jovem escritor Adalmir da Cunha Miranda, paraibano há varios anos radicado em Salvador, onde mantém uma secção literaria no DIARIO DE NOTÍCIAS, quando em palestra com o orientador deste suplemento, por ocasião da sua recente visita a esta capital.

Na foto aparece ainda o cronista pernambucano Luiz Torres, que acompanhou aquele escritor em sua visita a Paraíba.

Goiânia. Foram, neste particular, bastante favorecidos pelas circunstâncias, pois que com o seu pensamento concordavam tácita e alegremente os numerosos grupos da Indústria e da Lavoura de todos os Estados do Sul e Centro-Oeste. Nestes Estados considerava-se obsessivamente o colono estrangeiro — hoje constituído quase que somente de "deslocados de guerra" — uma condição indispensável ao progresso de suas regiões, ao passo que do colono nacional ninguém quase se lembra, senão quando há falta de braço estrangeiro.

Havia, contudo, uma divergência entre aqueles dois poderosos grupos: era que o grupo da Indústria pugnava por emigrantes estrangeiros constituídos predominantemente de operários especializados, enquanto o da Lavoura defendia, como era natural, a vinda de emigrantes sobretudo para as atividades agrícolas. Esta brecha aberta entre agricultores e industriais sulistas tende a alargar-se cada vez mais, e espero que ela ainda venha constituir-se motivo determinante de uma sistemática assistência aos migrantes nacionais, em que domina o homem do campo. No momento, porém, agricultores e industriais absorvem todo seu interesse no colono estrangeiro e qualquer medida pleiteada em favor dos nacionais encontra entre eles apenas um vago apoio patriótico e sem força bastante para descer até o plano das realidades.

Ficou, contudo, muito bem patenteado, pelos dados estatísticos das diferentes teses apresentadas à Conferência de Araxá, que o problema das migrações internas do Nordeste, não só é um capítulo negro da nossa vida como Nação independente e civilizada mas, sobretudo, que ele

representa um fator de desequilíbrio econômico e social tão importante quanto os "deslocados de guerra", com a agravante de que os migrantes nacionais são um problema "nosso", crú e doloroso, enquanto os "displaced persons" europeias são problemas de outros povos, que apenas temos o dever de ajudar. Em apoio deste ponto de vista dei ainda meu depoimento pessoal de que "havia viajado por terra, desde o Nordeste, percorrendo quase todo o curso, da Rio-Baía, tendo passado por cerca de 32 caminhões carregados de nordestinos, que iam para São Paulo e Rio de Janeiro — mais de 900 pessoas emigrando no mais doloroso desconforto e sem destino certo para onde emigravam!

O delegado cearense, Stenio Lopes, jovem discípulo do sociólogo Joaquim Alves, estava convencido de que não há populações excedentárias no Nordeste, logo as nossas emigrações são

todas patológicas provocadas pelas secas e condicionadas por aliciadores. Tenho opinião diferente dos cearenses, e em meu próximo trabalho examinarei este aspecto da questão e concluirei minhas considerações sobre Araxá, que foi sobretudo uma oportunidade magnífica, em que brasileiros de ação

prática, homens de negócios, industriais e agricultores, de todos os Estados e Territórios, se reuniram e debateram com ardor, problemas os mais relevantes e angustiosos do Brasil, com o fim de apresentar sugestões e recomendar soluções para os mesmos aos órgãos competentes do país.

O GRITO

FRANCISCO VALOIS

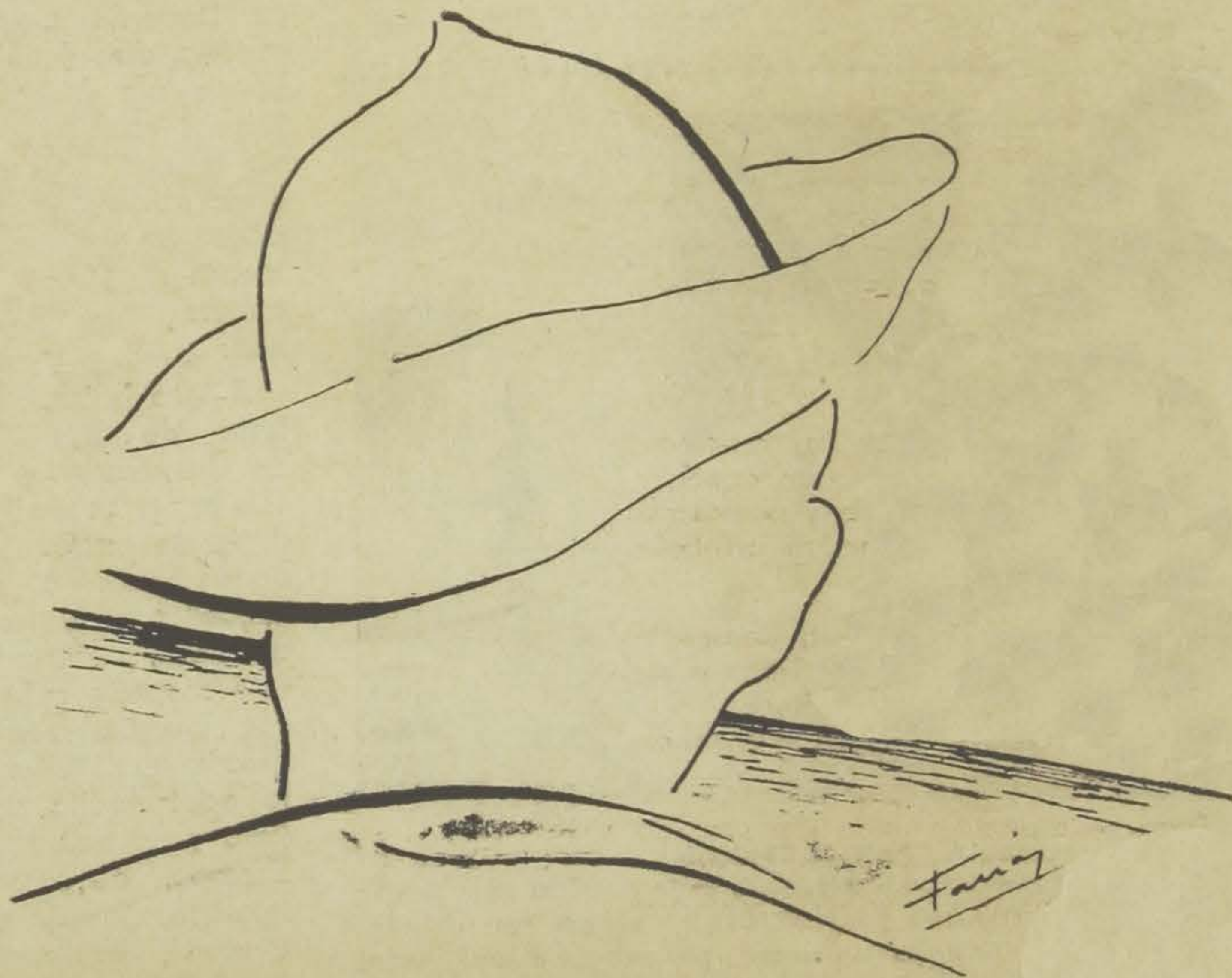
NASCE DE UM SILENCIO
LONGINQUO GRITO DA INFANCIA

IMAGEM IMOVEL COLHIDA
DE UMA INUTIL PRESENÇA.

ESPRAIADA ONDA DE
UMA DISTANCIA INFINITA.

UM GRITO QUEBRA A BELEZA
DE UM ESPAÇO AUSENTE
DILUINDO NA LEMBRANÇA
O SONHO DA INFANCIA PERDIDA

MACEIO — 1949.



DESENHO DE EDESIO FARIAS

MACHADO DE ASSIS E O JOVEM PROVINCIANO

Conta Belmiro Braga, no seu interessantíssimo livro de memórias, inteiramente esquecido que, muito jovem ainda, residindo numa cidade do interior de Minas, tendo escrito a Machado de Assis uma carta felicitando-o pelo aniversário e enviando-lhe uns versos, recebeu uma resposta do grande escritor que o deixou em grande alvoroço. Logo que leu a assinatura da missiva Machado de Assis, correu sófrego á procura do pai para mostrar-lhe a novidade. O pai, vendo-o transfigurado, correu os olhos pela carta e perguntou:

— Mas quem é esse sujeito?

Belmiro quase sem voz respondeu-lhe: Machado de Assis.

— Quem é Machado de Assis já sei de sobra. O que desejo saber é quem ele é: negociante? fazendeiro?

— Machado de Assis, papai, é o maior escritor do Brasil.

O pai, então, continuando a leitura do jornal que o vinha entretendo, observou apenas:

— Deixe de fantasias que tomam tempo e não rendem nada. Procure estar a par das coisas do comércio e esqueça essas frioleiras.

É bem fácil calcular o desapontamento do jovem. E não pôde debafar-se com ninguém, porque ninguém na sua casa conhecia Machado de Assis.

Eis aqui a carta que lhe dirigiu o autor de "Dom Casmurro" e que tamanho júbilo lhe causou:

"Rio de Janeiro, 24 de junho de 1891 — Meu caro poeta.

Recebi e agradeço-vos, muito do coração a carta com que me felicitais pelo meu aniversário natalício. Não tendo o gosto de conhecer-vos, mais tocante me foi a vossa lembrança. Pelo que me dizeis em vossa bela e afetuosa carta foram os meus escritos que vos deram a simpatia que manifestais a meu respeito. Há de ser amigos que um escritor tem a fortuna de ganhar sem conhecer e são dos melhores. É doce ao espírito saber que um eco responde ao que ele pensou, e mais ainda se o pensamento trasladado ao papel, é guardado entre as coisas mais queridas de alguém.

Agradeço-vos também os gentis versos que me dedicais e trazem a data de 21 de junho, para melhor fixar o vosso obsequio e intenção. Disponde de mim e credeme. Amo. Ato. agradecido — Machado de Assis".

CONCLUSÃO DA ÚLTIMA PÁGINA

AMBO FLORENTES

I

Meu amor, nunca amei nem fui amado
E' virgem como o teu meu coração:
Tu nos vergeis mendazes da ilusão,
Eu descrente das sendas que hei trilhado.

Tu sequiosa de amor e de cuidado
Por algum fragil bem do mundo vão;
Eu rebelde, sem paz nem contrição,
Rodopiando aos vortices do Fado.

Eu, como a triste Nióbe, empedernido,
E tu formosa e "Eleita como o sol",
Tu, meu Lírio do vale ao sol nascido.

Eu, vespertino e lúrido arrebol,
Tu... a lua do páramo esquecido,
Onde jaz muda a voz do rouxinol

II

Aliem-se no amor nossos destinos
Como metaes opostos num crisol;
Iguaes não são os orbes peregrinos,
Que gravitam no concavo arrebol.

Corpos moleculares, pequeninos,
Mundos imensos com a Terra e o Sol...
São novelas de fios opalinos
Do imponderável, cósmico aranhol.

Tudo se ajusta e funde em prol da vida:
São eter, mares, selvas, mineraes,
Simples fatores como nós, Querida!

Celebremos os nossos esponsaes
Sob a fecunda e maternal guarida
Das impassíveis leis universaes.

OLHOS VERDES

E' possível não têrdes,
Augusta Senhora minha,
A noção clara d'esses olhos verdes
Em cujos cilios, trefego, se aninha
O sagitário deus, filho de Venus!...
São dois astros olímpicos, serenos,
Que desconhece a astronomia;
Dois astros verdes! que magia!
Recortados em límpida esmeralda!
Nem sei quem mais fulgura,
Mais ilumina e escalda:
O legítimo sol dos arbóes
Ou esses gemeos e glaucos sóes?!
Têm, por certo, mais virtude,
Senhora, os astros do vosso rosto:
O claro Phebo é rude
E, ás tardes, é sol-pôsto.
Há nos vossos, no entanto,
Uma eterna manhã primarevil
Com sebes de amaranto
Inflorescendo num perpetuo abril
Mas... o que os torna insuperaveis
Pelos fulvos heliantos do infinito,
E' serem vivos e ponderaveis
Como o lenho, o metal, o granito
E outras formas tangiveis da matéria.
Depois o olhar — flama sidéria —
Em vós humanizada em límpidez sublime,
De uma expressão tão alta e sugestiva
Que ao verbo de Demosthenes oprime!
O vosso verde olhar, senhora esquiva,
Que seduz, que fascina e que deslumbra
Como a visão fugaz de um belo sonho,
Em sonhada penumbra;
Esse profundo olhar, trêdo e risonho,
Tão hipnótico, audaz e irresistivel,
Em cujos glaucos, turbidos lampejos,
Qual nas chamas um corpo combustivel,
Toda abrasada em sófregos desejos,
Se tranquila a mais rígida vontade!...
O' astros verdes sem piedade!
Luas mendazes da Esperança!
Simbolos mentirosos da Verdade,
Que o meu anseio avista e não alcança!

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

CARLOS DIAS FERNANDES

1874 — 1942

Carlos Dias Fernandes nasceu em Mamanguape, em 20 de setembro de 1874, filho do dr. João Nepomuceno Dias Fernandes, médico, e d. Maria Augusta Saboia Dias Fernandes.

Fez seus primeiros estudos com a sua genitora. Como leste de português teve o professor Luiz Aprigio e os rudimentos de latim, língua de que foi conhecedor profundo, o professor Isaac. Jovem, aos 17 anos, saiu da sua cidade natal primeiramente para o Recife e daí para o Rio e São Paulo onde foi empregado de farmácia. Nessas duas últimas capitais iniciou a atividade literária: trabalhou em vários jornais, fez parte do grupo simbolista que nos primeiros anos do século foi dirigido por Saturnino de Meireles, redigiu a revista "Rosa Cruz" publicação que cultuava religiosamente a memória de Cruz e Souza. Em seguida, foi residir no Pará em cuja capital passou grande parte de sua vida, sendo aí então revisor e logo mais diretor da "Provincia do Pará", órgão de grande circulação ao tempo do fastígio político de Antonio Lemos, de quem era grande amigo.

Em 1912, formou-se em Direito, pela Faculdade de Recife.

Alguns anos antes de vir para a Paraíba, viajou Carlos Dias Fernandes pela Europa, visitando por mais tempo a Itália onde escreveu o seu famoso romance "A Renegada", e, em Genova, reimprimiu o "Solais". Regressando, diz Celso Mariz, "veiu Carlos para o Recife. Ali, outros incidentes, ataques e brigas corporais, alguns períodos de publicações a que a beleza aumentava o poder de escândalo, de novo o envolveram e destacaram. O folhetim "O Rapto de Helena", inclusivo á fuga de uma senhora casada, com um filho do poderoso chefe Rosa e Silva, valeu ao jornalista uma agressão covarde na Capunga. Ali se meteu na luta preparatória da eleição de Dantas Barreto ao governo do Estado e mais tarde foi secretário na redação do "Pernambuco", do professor Henrique Milet. Ali publicou "A Renegada".

Ao assumir o governo da Paraíba, o dr. Castro Pinto, cujo secretário era o poeta Rodrigues de Carvalho, veio Carlos Dias Fernandes dirigir "A União", posto em que se manteve durante 15 anos, chefiando toda uma geração de intelectuais.

Fixando-se no Rio, em 1926, foi êle crítico literário do "O Paiz" e da "Gazeta de Notícias". Publicou ainda um romance autobiográfico, um livro de crônicas e contos e um artigo de jornal: "Em defesa da Língua".

Faleceu às 11 horas do dia 9 de dezembro de 1942, no Hospital da Cruz Vermelha Brasileira, onde se achava em tratamento, no Rio de Janeiro.

Publicou: Versos — "Palma de Acanthos" — Poemeto — Manaus — 1917; "Vanitas Vanitatum" — Poesias várias — Pará; "Solais" — Poesias várias — 2 edições — Paris, Genova; "Canção de Vesta" — poemeto — Recife; "São João e Dalila" — poema dramático — Paraíba — 1921; "Myriam" — poema dramático — Paraíba; "Terra da Promissão" — poema — Paraíba; "Livro das Parcas" — Paraíba — 1921. Em prosa — "Torre de Babel" — contos e crô-

nicas — Genova; "A Renegada" — romance — Recife; "In Memoriam", monografia de D. Frei Coetane Brandão — Belém — Pará; "Políticos do Norte" — I, Antonio Lemos — 2 ed. Genova; II Augusto Montenegro, Genova; "Album de Belém" — Belém — Pará; "Os Cangaceiros" — romance — 2 ed. — Paraíba; "A Hevêa Brasiliensis" — conferencia — Paraíba; "Tolcos e Aveloricos" — crônicas e conferencias — Paraíba; "A Defesa Nacional" — conferencia proferida no Teatro Sta. Rosa — Paraíba; "A Cultura Clássica" — conferencia proferida no Liceu Paraibano — Paraíba; "Ruy Barbosa, Apóstolo da Liberdade" — conferencia proferida no Teatro Sta. Rosa — Paraíba; "De Rapazinho o Imperador" — conferencia proferida no Teatro Sta. Rosa — Paraíba; "Políticos do Norte" — III, Epitácio Pessoa — Rio de Janeiro; "Escola Pitoresca" — Rio; "A Vindicta" — crônicas — Rio de Janeiro; "Fistana" — romance — Rio de Janeiro; etc. Tradução — "A Camorra" de Frederico Russo e Emilio Serão.

BRIARÉO E CENTIMANO

Solitário coqueiro, miserando,
Que as tormentas não deixam sossegar,
E, de continuo, as palmas agitando,
Pareces um vesânico a imprecisar.

Desgraçada palmeira, como e quando
Irão teus pobres dias ao bar...
E com elles o teu destino infando
De cativo da terra ao pé do mar?

Hemos conforme nossos tristes fados:
Tu, gemente Briaréu dos vendavais,
Eu, Centimano de cem mil cuidados.

Um retorcido nos ventos outonais,
Outro com os seus anelos sossobrados,
Não sei qual de nós dois braceja mais!

MATER CASTISSIMA

Fui eu que te plantei, mangueira-rosa,
Que me estás a pagar pingues tributos
Com a sombra tutelar da fronde airosa,
Carregada de flôres e de frutos.

Fecunda mãe de flancos impolutos,
Que amamentas com seiva milagrosa,
A clada grei dos pássaros argutos
Já te frequenta, te desfruta e gosa

Cheia de jaldes, ródos rícamos,
Sob o sol da manhã, que te inebria,
Glorificas a Deus pelos teus ramos;

Harpa solia, que pulsa á ventania
Refugio de xexéos e gaturamos,
Zimborio de frescura e de poesia.

CONCLUE NA PAG. 15